

## Contexto nacional e internacional argentino: rumo às Malvinas em 1982

ANA PAULA ALVES BARROS\*

### Um breve panorama da Questão Malvinas

A Guerra das Malvinas/Falklands de 1982 ocorrida entre Argentina e Inglaterra foi travada no extremo do Atlântico Sul. O que motivou esse ato de beligerância foi a disputa pelo arquipélago da Ilhas Malvinas, composto por duas principais ilhas, a Sandwich do Sul e a Geórgia do Sul. Mesmo com a vitória inglesa a Argentina continua reclamando seus direitos no local. Das mudanças e fatos históricos que marcaram as relações internacionais no mundo contemporâneo também está a Guerra das Malvinas.

De acordo com Pablo Camogli<sup>1</sup> existem documentos diversos que atestam o pioneirismo nas Malvinas de países como a Espanha, a França, a Holanda e a Inglaterra. Tanto a Argentina como a Inglaterra apresentam explicações para justificar os seus direitos (de caráter geográfico, histórico ou de autodeterminação) sobre o arquipélago.

Canglini<sup>2</sup> apresenta os principais aspectos do ponto de vista argentino sobre a questão Malvinas. Os franceses se estabeleceram no local em 1764 e fundaram o Porto de San Luis. Em 1765 foi a vez dos ingleses fundando o Porto de Egmont. Já em 1767 a Espanha reclamou a posse do território para a França. A negociação se efetivou entre esses países favorecendo a Espanha no mesmo ano. Então, a partir de 1770, após um enfrentamento entre o governo da Espanha e o da Grã-Bretanha, os governadores das ilhas passaram a ser nomeados por Buenos Aires e só foi interrompido em 1833, quando a Inglaterra tomou posse das ilhas.

No mesmo sentido Camogli (2007) defende a ideia de que o território islenho pertence a Argentina, pois se encontra muito perto do continente americano, ao

---

\* Formada em História pela Universidade Estadual do Paraná. Atualmente é aluna de mestrado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) na linha de pesquisa Política e Movimentos Sociais.

<sup>1</sup> CAMOGLI, Pablo. Batallas de Malvinas: Todos los combates de la Guerra del Atlántico. AR: AGUILAR, 2007.

<sup>2</sup> CANGLINI, Arnoldo. Malvinas 1833: Antes y después de la agresión inglesa. Buenos Aires: Claridade, 2007.

contrário da Inglaterra se comparada sua distância com as ilhas. Além disso, as ilhas fazem parte da plataforma continental americana<sup>3</sup>.

Por outro lado, Lawrence Freedman (1986) apresenta os elementos históricos da versão inglesa<sup>4</sup>. Em 1771 a Inglaterra ocupou o oeste das ilhas e teve o reconhecimento de sua soberania pela Espanha, mas alguns anos depois o governo ibero voltou atrás; em 1820 o território foi ocupado pelo governo de Buenos Aires; por fim, em 1833 a Grã-Bretanha, que nunca renunciou o arquipélago, protestou e expeliu a força argentina do local.

Atualmente, para resolver o conflito, a Inglaterra também aponta que leva em consideração o desejo dos moradores das ilhas (também conhecidos como Kelpers) que querem continuar sob o domínio da Inglaterra.

Desde 1833, quando a Argentina perdeu o seu domínio para a Inglaterra a questão em torno das ilhas tem constantemente vindo à tona. A Argentina continuou exigindo o reconhecimento de seus direitos sobre o território e recorrendo a órgãos como a ONU (Organização das Nações Unidas). Para tanto, foram convidados para resolverem seus problemas pacificamente. De certa forma, parecia haver uma tentativa de negociação por parte dos ingleses, já que em 1967, pela primeira vez, aceitaram negociar as ilhas levando em conta o desejo de seus moradores. Esse documento gerou muita crítica sobre o governo na imprensa, que acreditava que o governo deveria ir mais devagar. Para garantir boas relações entre os dois países foram postos outros elementos em prática. Em 1971, por exemplo, houve uma criação de serviço aéreo e marítimo entre as ilhas e o continente, que permitia o acesso dos argentinos às ilhas e vice-versa. Os islenhos também passaram a ter acesso à saúde e à educação argentina. Todos esses fatores são resultados das negociações que os dois países passaram a fazer, alcançadas até o período em que Perón esteve no poder, segundo Boyce (2005).

Toda essa discussão histórica e política com relação ao arquipélago foi muito acentuada durante a guerra em 1982. Cada um, ao seu modo, (Argentina e Inglaterra) tratava de expor suas justificativas para defender os seus direitos sobre as ilhas. No

---

<sup>3</sup> O autor defende apresenta na introdução de seu livro o ponto de vista que defende as ilhas como sendo por direito da Argentina.

<sup>4</sup> Para ver mais elementos do ponto de vista britânico, ler HASTING, Max e JEKINS, Simon. *The battle for the Falklands*. Londres: Pan Books, 1997

entanto, o que definiu a vitória inglesa foi a sua superioridade e preparo militar de suas Forças.

Finalmente podemos falar sobre os frutos da guerra. Além das vidas ceifadas no conflito e os gastos nos cofres públicos de ambos os países, Anderson (2002) expõe os resultados da guerra para os beligerantes. A derrota argentina desgastou ainda mais o regime militar e em 17 de junho de 1982 Galtieri foi deposto. Um ano depois aconteceram eleições democráticas que elegeram Raúl Alfonsín presidente argentino. Dentro do governo de Alfonsín (1983 - 1989), Galtieri e 9 oficiais foram levados aos tribunais e julgados por crimes cometidos durante o regime militar na Argentina. Quanto a Inglaterra, apesar da crise econômica no país, a vitória recuperou a imagem do governo de M. Thatcher (o índice da popularidade<sup>5</sup> da dama de ferro foi a 52% em junho de 1982 e manteve-se em pouco mais de 45% até a sua reeleição em 1983) frente ao povo britânico.

#### A conjuntura nacional e internacional argentina no governo de L. Galtieri

Durante a guerra os meios de comunicação sempre buscavam discutir o motivo que levou a Argentina ocupar o arquipélago malvinense e entrar em guerra com a Inglaterra. No entanto, até hoje, sempre que o tema é Malvinas a discussão se reabre. A resposta à questão tem sempre sido a mesma: para salvar o regime militar argentino da queda os seus governantes foram irresponsáveis o suficiente para assumir uma guerra contra a Inglaterra. Com isso, o que sempre se apregoa é que os militares não mediram os prós e os contras antes de entrar num conflito armado com a Inglaterra.

Nesse trabalho trataremos à discussão algumas informações históricas que precederam o ano de 1982 e contribuíram para a ocupação das ilhas. Por enquanto, o que se pode dizer é que a Argentina passava por dificuldades políticas, saldadas por problemas na sociedade e na economia. Já no plano internacional, a Argentina vinha fazendo alianças com os Estados Unidos anos antes da guerra que se intensificaram no governo de Galtieri. Ou seja, não só a necessidade de recuperar o prestígio militar na

---

<sup>5</sup> KISANGANI, Emizet F. e PICHERING, Jeffrey. Os desvios de dividendo: Propensão a usar a força de diversificação e as Recompensas de colhê-la em democracias maduras. Os autores apresentam a ideia de que Argentina e Inglaterra utilizaram a guerra como meio de desviar a atenção de seus povos dos problemas internos de seus respectivos países.

Argentina moveu Galtieri a ocupar as ilhas. Por outro lado, o presidente argentino acreditava que os EUA poderia se posicionar ao seu lado ou, ainda, se manterem neutros frente à visível aproximação entre os dois países americanos. Então, o que levou o presidente militar a ocupar as ilhas foram elementos da política interna e externa da Argentina.

Queremos frisar que não pretendemos justificar a ação militar argentina, apenas explorar outros elementos que talvez possam trazer novos elementos para serem pensados. Tarefa para os historiadores, segundo a proposta de E.P. Thompson<sup>6</sup>.

Vários elementos de caráter interno e externo podem explicar os motivos que levaram a Argentina entrar em guerra com a Inglaterra. A visível diminuição do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>7</sup> argentino, durante o governo do general Leopoldo Galtieri (1981-1982), era resultante de uma crise econômica que formava um castelo de cartas<sup>8</sup> e a qualquer momento poderia desmoronar. A Argentina vivia um grande retrocesso econômico durante os anos de 1970 e início de 1980. A situação piorou ainda mais com o ajuste na taxa de juros adotada pela Reserva Federal dos Estados Unidos da América (também conhecido como The Fed) que impactava tanto a economia dos EUA quanto do restante do mundo. A dívida de países como a Argentina elevou-se ainda mais.

Enquanto esse quadro de crise econômica se desenhava dentro da Argentina, M. Thatcher vinha enfrentando problemas como desemprego e inflação antes da guerra. Mesmo assim, sua popularidade subiu 7 pontos por cento no início do conflito. Depois de um mês de guerra havia subido para 52 pontos por cento<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Ver THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981. Segundo esse autor, quando arguido da cientificidade da História, não existe uma grande teoria que defina conceitos históricos, pois não existe uma lógica na História como nas Ciências Exatas. A História tem sua própria lógica num diálogo de evidências, onde se elaboram hipóteses, e dessas podem nascer outras

<sup>7</sup> VERBITSKY, Horacio. Malvinas: La última batalla de la Tercera Guerra Mundial. Buenos Aires: Sudamericana, 2002. Em 1982 o PIB argentino havia sido reduzido em 7,9% se comparado ao de 1970; os salários pagos nas indústrias baixaram em 25% comparados aos da década de 1970-1975.

<sup>8</sup> Castelo de cartas é o termo usado no capítulo 13 da obra de Verbitsky (2002). Este termo remete à fragilidade do governo militar do general Galtieri pouco antes da Guerra das Malvinas. Em 1976 o governo militar pôs fim as atividades gremistas e implantou um imposto de 3 % sobre os salários. Essas atitudes do governo militar levou a reação dos trabalhadores que passaram a fazer greves. Simultaneamente a esse acontecimento, a mobilização também afetou o setor ferroviário que reclamava o corte de trabalhadores. Em 1982 as reações se tornaram contra o governo. Por volta de 15 mil pessoas foram até a Praça de Maio no dia 30 de março para se manifestarem contra o regime.

<sup>9</sup> KISANGANI, E. F. e PICKERING, J. Os desvios de dividendo: propensão a usar força de diversificação e as recompensas de colhê-la em democracias maduras.

Parece que não foi somente o governo militar da Argentina que se usou da guerra como forma de desviar a atenção do seu povo dos problemas internos. Um governo eleito democraticamente, do outro lado do oceano também o fez, embora na Argentina os resultados tenham sido negativos e desastrosos por conta de sua derrota.

No contexto da ditadura militar argentina, a sociedade reclamava o desaparecimento de seus filhos. A pressão dessas mães aumentou tanto que resultou nas rondas das Mães da Praça de Maio<sup>10</sup>. Esse movimento começou em 1977, momento em que mulheres vestidas de preto passaram a fazer rondas em torno da Praça de Maio exigindo uma resposta do governo para saber sobre os seus filhos que haviam desaparecido (VERBITSKY, 2002).

Sem respostas do governo, famílias argentinas recorreram ao governo dos Estados Unidos. Naquele período, James Earl Carter (1974-1977)<sup>11</sup> governava os Estados Unidos. Com base em sua política voltada aos temas relacionados aos Direitos Humanos, o governo dos EUA considerou esses desaparecimentos como violação aos princípios democráticos e às normas definidas no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ainda assim a pressão por parte da sociedade continuou, tendo em vista a falta de resposta em torno dos que haviam sido presos ou desaparecidos nos anos da ditadura. Em 1980 o governo militar resolveu se pronunciar e passou a não mais negar, mas justificar seus feitos, acontecimento que repercutiu negativamente e com muita força na imprensa internacional. Assim, em 1982 a situação estava insustentável. O movimento em frente a Casa Rosada se tornou mais forte em 30 de março, só que agora os manifestantes não eram somente mulheres, mas também trabalhadores descontentes que se rebelaram contra o regime. O governo não tardou em responder e o movimento foi reprimido.

Sobre o nacionalismo como fator preponderante para a recuperação das ilhas, podemos apontar uma excelente leitura de Rosana Guber. Segundo a autora, em sua obra *Por qué Malvinas? De la causa nacional a la guerra absurda*, a escola assumiu um

---

<sup>10</sup> Verbitsky (2002) relata que esse movimento tomou tanta proporção que em 1980 foi aberta uma comissão para julgar os atos ocorridos entre 1975 e 1979. A conclusão sobre os desaparecimentos no governo militar, considerados pelo governo estadunidense, foi de crime contra os direitos humanos.

<sup>11</sup> James Earl Carter, presidente dos Estados Unidos de 1974 a 1977. A política desse presidente estava voltada à garantia dos direitos humanos, apesar de suas ações de não proliferação de armas serem contraditórias nas questões relativas à Guerra das Malvinas e as intervenções na América Central. Para aprofundamento ver: HERZ, Mônica. Política dos Estados Unidos para América Latina após o final da Guerra Fria. *Estud. av.* vol.16 no.46 São Paulo Sept./Dec. 2002.

papel importante para a transmissão de valores patrióticos e nacionalistas<sup>12</sup>. Um exemplo era a famosa frase utilizada pelos professores argentinos em sala de aula “Las Malvinas son Argentinas”. Sobre esse jargão a autora lança uma séria crítica que define também seu posicionamento quanto à recuperação das ilhas e ao regime militar argentino, “Las Malvinas son Argentinas, y los desaparecidos también”<sup>13</sup>.

Numa mesma linha de raciocínio de Rosana Guber, Lorenz (2006), também apresenta o nacionalismo propagado nas escolas argentina como elemento para a recuperação do arquipélago. Em relação a esse ponto o autor relaciona testemunhos que falam do sentimento de aversão à Inglaterra por parte dos estudantes argentinos anos antes da guerra. Segundo o autor os combatentes que foram para a guerra em 1982 são os estudantes que começaram a escola secundária em 1976, ano do golpe militar. Ainda acrescenta que esses soldados não foram vítimas do exército britânico, mas do plano dos militares para salvar o regime militar.

Lorenz (2006) também aponta que, frente à reação de pessoas descontentes com o regime na Praça de Maio em 30 de março de 1982 (entre elas, mães que reclamavam o desaparecimento de seus filhos e trabalhadores que sofriam com a queda de seus salários), a guerra era apenas uma mera saída para a Junta Militar.

Galtieri interpretava os EUA como um aliado e não via a possibilidade de os EUA se envolverem na guerra e nem mesmo de se posicionarem contra a nação argentina, ou seja, se o governo estadunidense não tomasse partido da Argentina ficaria neutro. O motivo estava ligado a aproximação dos dois países anos antes da guerra. Segundo Boyce (2005) os EUA negaram qualquer insinuação de que se manteriam neutro em caso de invasão das ilhas.

A obra de Verbitisky (2002) mostra que havia uma teoria defendida pela Junta Militar Argentina de que o mundo estava vivendo uma Terceira Guerra Mundial. A guerra da qual o autor fala era a guerra ideológica na América do Sul contra o comunismo, e, segundo o ponto de vista do ditador Argentino, Galtieri, seria vencida

---

<sup>12</sup> Lendo Lorenz (2006) encontramos indicações de alguns filmes que representam a recuperação das ilhas a partir do nacionalismo propagado em sala de aula. Os filmes são: *La Noche de los lápices* (OLIVERA, 1986), *Los Chicos de la guerra* (Kamin, 1984) e *La historia oficial* (Puenzo, 1985). O autor também faz críticas severas a filmes como *Iluminados por el fuego* (Tristán Bauer) que, segundo o autor, está voltado a explicar o emocional dos soldados e não a guerra em si.

<sup>13</sup> GUBER, Rosana. *¿Por qué Malvinas? De la causa nacional a la guerra absurda*. FCE: Buenos Aires, 2001.

com a aliança entre Argentina e Estados Unidos. No entanto, por mais absurdo que isso pareça ser para o leitor do nosso tempo presente, segundo Galtieri, o papel preponderante seria argentino. Para ilustrar essa ideia que mostra a aproximação entre a Argentina e os Estados Unidos podemos apontar a Diretiva 17<sup>14</sup>. Essa aproximação se dava para controlar movimentos comunistas na América Central. Em *La trama secreta* também é discorrido sobre a intervenção na América Central no sentido de combater a influência soviético-cubana na região<sup>15</sup>. Para levar essa intervenção adiante foi feito um pacto que deu à Argentina provisão de inteligência estadunidense para impedir que a ajuda cubana chegasse aos guerrilheiros de El Salvador e Guatemala via Nicarágua. Nesse sentido Verbitsky (2002) afirma:

“Los argentinos ya estaban actuando en toda la región. En Guatemala, país con el que en octubre de 1981 se había firmado un convenio secreto, un preso fugado de un cuartel dijo que había sido interrogado por argentinos. En El Salvador dirigía la misión un coronel Quinteros, y la integraban oficiales de las tres armas con activa participación en Tucumán, Campo de Mayo y La ESMA. En Nicaragua la hermana del jefe contrarrevolucionario Steadman Fagoth Muller trabajaba como secretaria de la embajada argentina, y el propio Fagoth sufrió un accidente de aviación cuando volaba con militares argentinos y hondureños<sup>16</sup>(VERBITSKY, 2002: p.98).”

Nesse sentido não se pode dizer que os EUA afirmaram qualquer apoio caso a Argentina declarasse guerra à Inglaterra. Entretanto, as alianças e as relações amigáveis entre os dois países fizeram com que o presidente Galtieri, quando voltou dos Estados Unidos de uma das reuniões acerca da América Central, estivesse convencido do apoio estadunidense ao seu país (VERBITSKY, 2002, P. 98).

Quanto ao Brasil e Argentina, podemos apontar alguns fatores que marcaram a aproximação política entre esses dois países. No período em que Ernesto Geisel (1974 - 1979) esteve no poder houve uma aproximação política entre os dois países. Entretanto,

---

<sup>14</sup> Em Verbitsky (2002, P.96) é mencionado a Diretiva 17. Nesse documento, de novembro de 1981, previa-se combater o sandinismo por meio de uma força paramilitar de 500 homens e reforços de outros 1000 que já estavam sendo treinados pela Argentina.

<sup>15</sup> Por conta dessa aproximação foram encontrados soldados argentinos na Nicarágua (VERBITSKY, 2002).

<sup>16</sup> Duhalde, ob. Cit., PP. 122, 123 y 127. In: VERBITSKY(2002).

as alianças entre as duas nações se tornaram mais fortes no período de 1979 a dezembro de 1983. Isso pode ser verificado em acordos variados ou visitas recíprocas de seus presidentes. Assinaram, por exemplo, um acordo que visava a acabar com a dupla cobrança de impostos sobre artigos comercializados, além de adotarem medidas para controlar a evasão fiscal. Esse período foi chamado de período de cooperação<sup>17</sup>.

Dessa maneira podemos afirmar que a Junta Militar argentina tinha sérios problemas internos como crise econômica, social e, conseqüentemente, política. Nessa situação, os militares também contaram com o nacionalismo que estimularam nos argentinos para poderem recuperar as ilhas e salvar o regime de sucumbir. Embora concordemos com a ideia de que o enfraquecimento do regime militar levou a Junta a usar a guerra como forma de desviar atenção do povo argentino dos problemas internos, tentamos apontar até aqui outros elementos que mostram um quadro mais amplo, formado pelos problemas internos da Argentina e os fatores externos como uma relação próxima, no que diz respeito a alianças, da Argentina com o Brasil e, sobretudo, com os Estados Unidos.

Portanto, a Junta Militar Argentina pensou suas estratégias, pesou os prós e os contras, embora as constatações da Junta não fossem assertivas. Os militares erraram ao pensarem que M. Thatcher não responderia à ação militar argentina por ser logisticamente difícil travar uma guerra no Atlântico Sul. Erraram quando imaginaram que teria apoio estadunidense, que além de ser membro da OEA também tinha alianças com o governo argentino. Erraram por pensar que a OEA fosse mais importante que a OTAN para os EUA e, conseqüentemente, acharem que este deixaria de lado sua aliada da Guerra Fria. Por fim, erraram outra vez por acreditar como certa a solidariedade interamericana dos EUA. Ema suma, a guerra não era para os militares somente uma forma de salvar o regime militar ou ganhar prestígio frente aos problemas internos da Argentina. O ditador militar pensava ser um momento oportuno para retomar um território que acreditavam ser argentino. Para Galtieri era o momento certo para reconquistar as ilhas, pois além da necessidade de se promoverem frente a população

---

<sup>17</sup> SILVEIRA, Amarildo. As relações Brasil-Argentina durante o governo Figueiredo (1979-1985): as etapas de um projeto necessário. Monografia. Porto Alegre, n. 2, 2006. Esse período é chamado de período de cooperação, pois foi neste intervalo de tempo que Argentina e Brasil mais se aproximaram numa política de apoio recíproco.

argentina, os militares também tinham elementos para acreditarem que venceriam, sobretudo em relação a visível aproximação com os EUA antes da guerra.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTANI, op. cit., p. 51. IN: SILVEIRA, Amarildo. As relações Brasil-Argentina durante o governo Figueiredo (1979-1985): as etapas de um projeto necessário. Monografia. Porto Alegre, n. 2, 2006.
- Argentine Forces in the Falklands (Men-At-Arms, N 134), Nicholas Van Der Bijl, Osprey Publishing Paperback, 1992.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa Histórica: teoria e método*. Tradução: Andréa Dore; revisão José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- ANDERSON, Duncan. *Essential histories: The Falkalnds War 1982*. Great Britain: Osprey publishing, 2002.
- ANDRADA, Benigno H. *Guerra aérea en las Malvinas*. Emecé Editores S.A.: Buenos Aires, 1983.
- Battle for the Falklands: Land Forces (Men-At-Arms, N 133) Vol. 1, William Fowler, Osprey Publishing Paperback, 1982.
- Battle for the Falklands: Naval Forces (Men-At-Arms, N 134) Vol. 2, Adrian English and Anthony Watts, Osprey Publishing Paperback, 1982.
- Battle for the Falklands: Air Forces (Men-At-Arms, N 135) Vol. 3, Roy Braybrook, Osprey Publishing Paperback, 1982.
- BERNARDI, Luciane Carem. *Nosotros y vosotros: A Guerra das Malvinas 25 anos depois – relatos de ex-combatentes*. 2008. Universidade Federal de Santa Maria. RS.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Joge Zahar, 2001.
- BOCCAZI, Joaquín A. *Compilación Malvinas: actuación de las fuerzas armadas y civiles que participaron en el conflicto*. Buenos Aires: Ediciones Gráfica Sur, 2004.
- BOYCE, David George. *The Falklands War*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2005.
- BUSSER, Carlos. *Islas Malvinas: Su historia. Situación en El Atlántico Sul desde 1989. Proceso de expansión británica: Situación en el Atlántico Sur desde 1989*. In: Revista Militar, Buenos Aires, edición especial, n. 742, enero/marzo, p.41-48, 1998.
- CAMOGLI, Pablo. *Batallas de Malvinas: Todos los combates de la Guerra del Atlántico*. AR: AGUILAR, 2007.

- CANGLINI, Arnaldo. *Malvinas 1833: Antes y después de la agresión inglesa*. Buenos Aires: Claridad, 2007.
- CARDOSO, Oscar, KIRSCHBAUM, Ricardo e VAN DER KOOY, Eduardo. *La trama secreta*. AR: Planeta, 1983.
- Carril, Bonifacio del. Islas Malvinas: Su historia. *Revista Miliar*, Buenos Aires, edición especial, n. 742, p.10-17, enero/marzo, 1998.
- Casas, Pedro. Malvinas: Retorna a tensão entre Argentina e Reino Unido. Em: *Conjuntura Internacional*, Minas Gerais, ano 7, n. 8, 12 – 25/06/10, p. 9 – 13. Disponível em: <[http://pucmg.br/imagedb/conjuntura/CNO\\_ARQ\\_NOTIC20100617162119.pdf?PHPSESSID=592004916f39195f97570ba011a79c11](http://pucmg.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20100617162119.pdf?PHPSESSID=592004916f39195f97570ba011a79c11)> Acesso em: 26.08.2010.
- FREEDMAN, Lawrence e GAMBA, Virginia. *Señales de guerra*. Javier Vergara: Buenos Aires, 1992.
- Gente y la Actualidad: Vimos rendirse a los ingleses, Buenos Aires, n872, p 2 – 15, 8 de abril, 1982.
- GLÜSING, Jens. Citações e referências a documentos eletrônicos. [online] Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2007/04/04/ult2682u417.jhtm>> acesso em: 04/04/2007.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. IN Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GUBER, Rosana. *¿Por qué Malvinas? De la causa nacional a la guerra absurda*. FCE: Buenos Aires, 2001.
- HASTING, Max e JEKINS, Simon. *The battle for the Falklands*. Londres: Pan Books, 1997.
- HERZ, Mônica. Política dos Estados Unidos para América Latina após o final da Guerra Fria. *Estud. av.* vol.16 n°. 46 São Paulo Sept./Dec. 2002
- KISANGANI, Emizet F. e PICHERING, Jeffrey. Os desvios de dividendo: Propensão a usar força de diversificação e as Recompensas de colhê-la em democracias maduras.
- La Guerra de las Malvinas: El Combate de San Carlos, n. 10, p. 498- 512, diciembre, 1996.
- La Guerra de las Malvinas: El Bim 5 en la colina de Tumbledown, n. 20, 657 - 672, marzo, 1987.
- LORENZ, Federico G. *Las Guerras por Malvinas*. Argentina: Edhasa, 2006.

- MACKAY, Francis. COOKSEY, Jon. *Special Air Service Pebble Island - The Falklands War 1982: Elite Forces Operations Series*. United Kingdom: Pen & Sword Books Limited, 2007.
- MAYORGA, Horacio A. *No vencidos*. Planeta: Buenos Aires, 1998.
- MEYER, F. A. O. *A guerra das Malvinas de 1982 na imprensa escrita brasileira*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.
- MUNHOZ, Sidnei. Ecos da emergência da Guerra Fria no Brasil (1947-1953). *Revista Diálogos*, UEM, v. 6. 2002.
- O Estado de São Paulo. Em defesa da Argentina, Lula faz ataque a ONU em cúpula regional, P.24 – 12, fevereiro, 2010.
- RÉMOND, René (dir). *Por uma história política*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- Revista Miliar: Malvinas – hacia el futuro*, Buenos Aires, edición especial, n. 742, p.05 - 57, enero/marzo, 1998.
- SILVEIRA, Amarildo. As relações Brasil-Argentina durante o governo Figueiredo (1979-1985): as etapas de um projeto necessário. Monografia. Porto Alegre, n. 2, 2006.
- THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- TUROLO, Carlos M. *Malvinas, testimonio de su gobernador*. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 1983.
- VERBTSKY, Horacio. *Malvinas: La última batalla de la Tercera Guerra Mundial*. Argentina: Sudamericana, 2002.